

## O QUE PODEMOS APRENDER COM OS TIGRES BÁLTICOS SOBRE COMPETITIVIDADE?

Ana Burcharth  
 Fernanda Bedê  
 Núcleo de Inovação e Empreendedorismo  
 Fundação Dom Cabral

**M**arcados por várias conturbações, invasões e crises ao longo de suas histórias, os países bálticos apresentam pontos de superação e melhoria ao longo dos anos. Assim como o Brasil, Lituânia, Estônia e Letônia têm vivenciado historicamente alta volatilidade econômica, além de terem passado recentemente por um período de forte arrocho fiscal. Com antecedentes históricos e culturais similares, os países bálticos apresentam trajetórias distintas na evolução de sua competitividade. Oferecem-nos assim bons exemplos (tanto positivos quanto negativos) de desenvolvimento econômico, e portanto, valiosas lições sobre como tornar uma economia um importante competidor global.

### LITUÂNIA

A **Lituânia** é o país que mais se sobressaiu positivamente nos últimos anos. Foi destaque no *ranking* de competitividade do IMD (Institute for Management Development) de 2015, galgando seis posições este ano e chegando à 28ª colocação entre os 61 países analisados. Publicada anualmente pelo IMD desde 1989, a pesquisa analisa como 61 países criam e mantêm um ambiente que sustente a competitividade de suas empresas e, conseqüentemente, gerem condições para o crescimento econômico sustentável e bem-estar para a sociedade. A Lituânia apresentou melhora em todos os fatores avaliados (infraestrutura, desempenho da economia, eficiência do governo e eficiência nos negócios). A Figura 1 abaixo apresenta a evolução dos pilares de competitividade da Lituânia desde 2011:

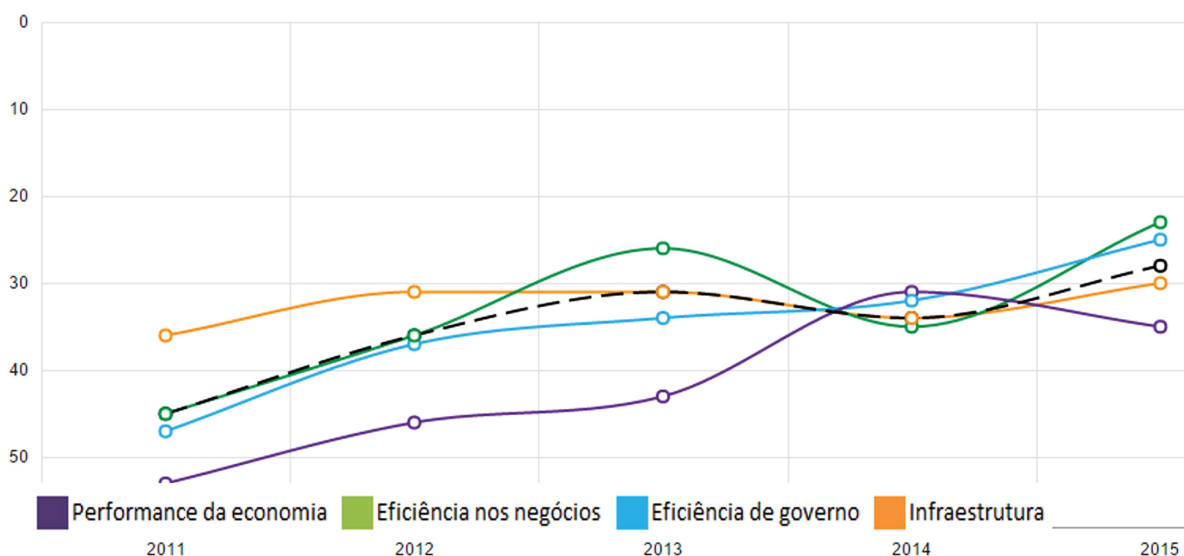


Figura 1: Evolução dos Pilares de Competitividade na Lituânia(2011 - 2015)

Mostrando uma recuperação rápida da economia desde a crise de 2008 até hoje, a Lituânia subiu 18 posições nos últimos cinco anos no quesito desempenho da economia, saindo da posição 53ª em 2011 e atingindo a 35ª posição este ano. Apesar de experimentar uma baixa no comércio internacional, o crescimento da economia doméstica subiu sete pontos no ranking, sendo que o país é o quarto melhor em crescimento do PIB per capita e apresenta grande diversificação na economia, ocupando o 12º lugar nesse quesito. No último ano, o desenvolvimento econômico do país tem sido alavancado pela recuperação da demanda interna, o que amortece a baixa nas exportações para o crescimento do PIB. Já o avanço no consumo dos lituanos se dá por melhoras no mercado de trabalho, com mais empregos e aumento de salários, além de incentivos ao consumo como baixa inflação e taxa de juros.

O país também se destaca em eficiência do governo, ocupando o 25º lugar desse fator. Os avanços se deram especialmente nos quesitos “quadro institucional” e “legislação comercial” com um aumento de 11 posições. No quadro institucional, os baixos custos de capital e quadro legal regulamentar encorajam a competitividade e desenvolvimento de negócios. Também contam os bons resultados em transparência e burocracia. “Decisões do governo” é outro fator proeminente, tal como a decisão de adotar o euro este ano e a alta adaptação das políticas governamentais de acordo com o andamento da economia. O bom desempenho no indicador “legislação comercial” se dá por uma economia aberta com baixas barreiras tarifárias, investidores externos na economia, incentivos ao investimento e à criação de firmas.

O investimento em educação é alto na Lituânia e, segundo o resultado geral da opinião executiva nacional, figura como um dos fatores mais atrativos do país, seguido por uma força de trabalho qualificada. Desde 2003, o sistema educacional lituano cobre os custos da pré-escola ao ensino superior, financiando os salários dos professores, material escolar, treinamento dos educadores, manutenção das escolas e meios para o ensino. A partir de 2000, vários programas de investimentos foram lançados na área educacional. Alguns exemplos são a compra de ônibus para transporte de crianças que moram longe das escolas e de crianças especiais, ênfase em qualificação dos professores, criação de um sistema de gerenciamento da educação de qualidade e mais acesso à tecnologia e internet nas escolas. Há também planejamentos para reformas nas escolas públicas visando à redução no consumo e uso mais eficiente da energia elétrica.

Outro ponto forte é a eficiência nos negócios. Esse indicador foca a medida em que o ambiente nacional incentiva as empresas a funcionar de forma inovadora, rentável e responsável. A eficiência nos negócios é avaliada por meio de fatores como produtividade, mercado de trabalho, finanças e gestão e valores dentro do ambiente de negócios. Segundo o IMD, dentre as dez economias mais competitivas do mundo, nove têm os melhores índices de eficiência nos negócios. Pode-se deduzir, portanto, que uma boa posição deste indicador diz muito sobre o processo de desenvolvimento e liderança de um país. A Lituânia apresentou ascensão de 12 pontos em “eficiência em negócios”, ocupando atualmente o 23º lugar no ranking. O país subiu 24 posições no indicador “força de trabalho”, sendo que a produtividade dos trabalhadores ficou em 11º e houve grande investimento em capacitações de funcionários nas empresas visando à formação de profissionais mais qualificados. O empreendedorismo na Lituânia ficou em destaque atingindo o primeiro lugar no ranking, assim como também foram apontadas melhoras em gerenciamento (13º na prática em gestão), conduta nos negócios e disponibilidade de capital de risco para o desenvolvimento de negócios. Com capacidade de inovação em 28º lugar e índices altos em infraestrutura tecnológica, a Lituânia parece estar no caminho certo para um alto desenvolvimento econômico sustentável a longo prazo.

## ESTÔNIA

A Estônia também apresentou rápida recuperação nos últimos anos com uma trajetória positiva de ganhos de competitividade, apesar de cair uma posição no ranking geral deste ano, ocupando atualmente a 31ª colocação. De acordo com a pesquisa do IMD, o país subiu 12 posições em termos de desempenho da economia desde 2010 (quando ficou em 52º lugar dentre 58 países) chegando ao 40º lugar em 2015.

O que mais se destaca no país é o seu posicionamento no ranking em eficiência de governo. A Estônia manteve durante os últimos anos um bom nível e alcança este ano a 20ª colocação neste indicador. Um dos fatores mais relevantes para esse resultado é o indicador de finanças públicas (que trata de gastos do governo, dívidas e superávits, impostos) que atingiu o nono lugar geral. Assim como na Lituânia, a Estônia também apresenta bons resultados em transparência e burocracia, além de aumento na criação de firmas e redução do número de “dias para se começar um novo empreendimento”, dando ênfase ao empreendedorismo. Ainda na performance do governo, houve melhorias no seguro desemprego e

# LETÔNIA

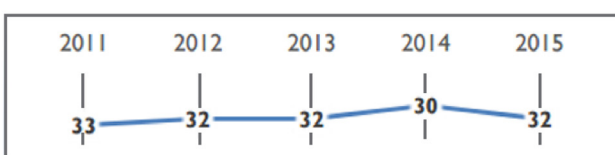
regulamentações trabalhistas de forma a impulsionar o mercado de trabalho. A Estônia obteve a posição número 15 em políticas de barreiras tarifárias, indicando uma boa abertura ao comércio internacional, aumento de investimentos estrangeiros e boa adaptação de políticas governamentais em função da economia.

Apesar de ser também destaque em educação, ocupando o 13º lugar no ranking, o país apresenta contradições ao diminuir os gastos totais em educação neste ano. A melhora na educação nacional foi apontada como um dos maiores desafios para o país em 2015.

Sendo o país da Europa oriental mais próximo dos Estados Unidos e OTAN, a Estônia vem investindo fortemente em segurança cibernética e investimentos em telecomunicações. A principal razão disso é o fato de a Estônia ter sido o primeiro país a sofrer um ataque cibernético do mundo em 2007. Desde então, o país tem tomado medidas de avanço em segurança cibernética e infraestrutura, o que promove a segurança e controle dos sistemas de informação privados e públicos do país. Atualmente a Estônia é sede do centro em excelência em defesa cibernética da OTAN. Mesmo com grande investimento nesse setor, o país apresentou os piores índices para engenheiros qualificados (ficando em 61º) e qualificações em tecnologia da informação (60ª posição).

A Figura 2 mostra a evolução da Estônia no quesito infraestrutura nos últimos cinco anos:

## INFRASTRUCTURE



Sub-Factor Rankings :	2014	2015
Basic Infrastructure	33	37
Technological Infrastructure	25	29
Scientific Infrastructure	38	38
Health and Environment	37	37
Education	21	13

Figura 2 - Mesmo com alto investimento em cibersegurança e telecomunicações, a infraestrutura tecnológica e científica da Estônia apresentou piora desde o ano passado. O quadro de saúde continuou e a educação melhorou mesmo com a diminuição nos gastos.

Já a Letônia foi um dos países que apresentou maior piora em termos de competitividade, caindo oito posições: da 35ª em 2014 para 43ª em 2015 no *ranking* geral. A crise de 2008 foi particularmente dura para o país, com aumento do desemprego para os mais altos níveis vivenciados por um país europeu: 23%. Os investimentos no setor de construção foram inviabilizados, o Parex, maior banco privado letão, foi estatizado para conter a crise no sistema financeiro e o país recorreu à ajuda de bilhões do FMI. Este impôs grandes cortes nos gastos, acarretando em uma crise política e protestos da população, contendo inclusive pedidos para a volta ao comunismo. Apesar de passar por uma crise política devido às propostas do FMI na época da crise europeia, a Letônia seguiu o compromisso de manter o equilíbrio do orçamento e conseguiu reembolso antecipado ao FMI ainda em 2012, o que impulsionou o crescimento econômico.

A recuperação da economia após a crise se deu pelo aumento da produtividade e do setor de exportação. No entanto, a Letônia vem apresentando pioras desde 2014 na pesquisa do IMD, que considera o país altamente dependente de fatores externos e condições geopolíticas. Dentre os fatores críticos, estão o baixo crescimento da força de trabalho, atualmente na 58ª colocação. O baixo incentivo para investimento e insuficientes investimentos diretos para dentro do país (fator que ficou em 51º) reduzem a competitividade e o potencial de crescimento, pesando sobre a capacidade de produzir novos empregos e obter ganhos em produtividade. A educação superior dos letões sofre com financiamentos públicos inadequados e falta de atrativos para educação profissional. Melhorando a qualidade profissional, é possível também aumentar a produtividade no país que sofreu queda neste ano. Baixos gastos em P&D (pesquisa e desenvolvimento), tanto pelo governo quanto pelas empresas (apontados como fraquezas pelo IMD) é um dos elementos de infraestrutura científica que vem piorando desde 2013 e chega este ano a 52º. A situação fica pior no setor exportador com a depreciação da moeda russa este ano (em torno de 11% as exportações vão para a Rússia, além de exposição indireta através de outros parceiros comerciais afetados por essa desvalorização). A Letônia fica em 57º na exportação de bens e 58º em exportação de serviços, além de altos custos de eletricidade, o que influencia negativamente o potencial de produção do país.

## UMA HISTÓRIA MARCADA POR INVASÕES

A Estônia, Letônia e Lituânia têm um histórico de constante intervenção territorial. Os países bálticos já foram parte do império russo e estiveram sob domínio dos alemães nazistas. Em 1945 houve a volta da União Soviética na região, impondo o regime comunista que permeou até 1991.

A península báltica foi a primeira região das ex- repúblicas da União Soviética a adotar a democracia logo que se viram independentes do domínio russo. Foram vivenciados momentos de crise com a saída das grandes estatais russas da região e a perda de mercado em relação aos integrantes da CEI (Comunidade dos Estados Independentes composta por ex-repúblicas soviéticas).

A partir do ano 2000, os países bálticos privatizaram velhas estatais e abriram a economia para o capital externo, atraindo investimento estrangeiro, principalmente da Europa ocidental. Como base dessas mudanças estavam a força de trabalho qualificada e salários razoavelmente baixos. Esse rápido desenvolvimento econômico deu à região a expressão “Tigres Bálticos”. Entre 2000 e 2004, os tigres bálticos tiveram a maior taxa de crescimento registrada na Europa.

No entanto, a crise de 2008 atingiu fortemente os países bálticos, que tiveram seus investimentos externos reduzidos e queda nas exportações. Assim como na Europa em geral, os preços no mercado imobiliário caíram e o consumo se reduziu. Nos três países, houve cortes em gastos públicos em até 40%. Os bálticos responderam à este choque com medidas mais ortodoxas e a seriedade do Estado no compromisso da recuperação econômica. A superação da crise aproximou os bálticos da União Europeia e no início deste ano a Lituânia adotou o euro. Este foi o último país a entrar seguindo seus vizinhos, a Letônia que entrou na zona do euro no ano passado e a Estônia que adota a moeda desde 2011.

## A IGUALDADE COMO GRANDE DESAFIO SOCIAL

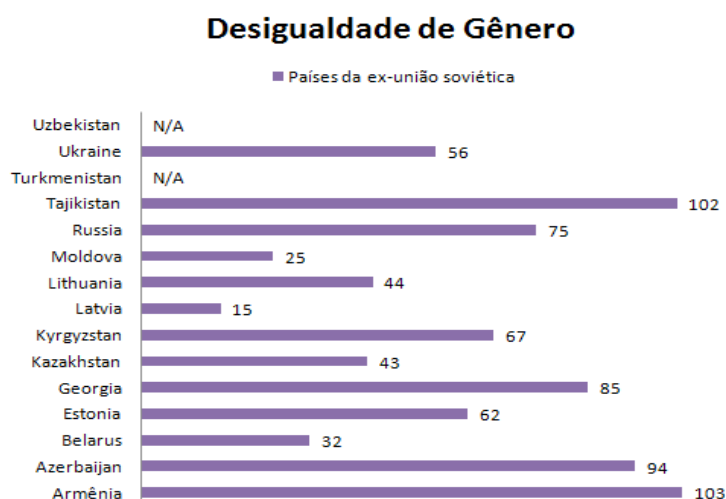
Com históricos e dificuldades muito parecidos, os bálticos apresentam similaridades em suas tradições. Segundo Kevin O’Connor em seu livro *The History of the Baltic States*, na seção *Women and Feminism* (mulheres e o feminismo) no âmbito social, as culturas se aproximam

guardando ainda resquícios do domínio russo e exibem péssimos índices de desigualdade entre gêneros. Como ex-repúblicas soviéticas, o contexto comunista da época garantia direitos iguais para homens e mulheres por lei, mas na prática era outra história. O conservadorismo no papel do homem e da mulher até hoje influencia as ex-repúblicas soviéticas.

Apesar disso, nos países bálticos percebemos o alto nível de educação feminina e excelência acadêmica. Segundo o IMD, a Lituânia atingiu o primeiro lugar em força de trabalho feminino e sexto em graduação de mulheres no ensino superior. A Estônia também se destaca sendo o sétimo em força de trabalho feminino e terceiro em graduação de mulheres. A Letônia segue o mesmo padrão, apresentando o melhor índice em média dos três, sendo segundo lugar nos dois indicadores. No entanto, mesmo com ótimos indicadores, a diferenciação de salários entre homens e mulheres no mercado de trabalho é muito grande.

Campanhas pró-feminismo têm acontecido com frequência na região e a presença feminina tem crescido no mercado. Na Letônia, segundo o Fórum Econômico Mundial de 2014, o país já fechou a lacuna de desigualdade de gênero na conclusão de ensino e saúde e sobrevivência. A Lituânia ficou em 65º em poder político feminino, mas isso tem mudado. Um bom exemplo é a reeleição da primeira ministra lituana Dalia Grybauskaitė.

A Figura 3 mede a desigualdade entre homens e mulheres



das ex- repúblicas soviéticas.

Figura 3 – Desigualdade de Gênero nas Ex-Repúblicas Soviéticas

Fonte: World Economic Forum, 2014. Gender Gap Equality Ranking.(de 142 países)



## O QUE PODEMOS APRENDER COM A EXPERIÊNCIA BÁLTICA?

Olhando para o Brasil, parece que estamos seguindo mais o exemplo da Letônia do que da Lituânia e Estônia. Apresentamos baixa produtividade (sendo a produtividade de trabalhadores 60º), altos custos de energia (nossa infraestrutura energética ficou em 58º este ano) e infraestrutura científica ruim, salvo os gastos em P&D (em que ficamos em nono de gastos do governo e 14º em gastos de firmas).

Mesmo com gastos em pesquisas e desenvolvimento, ainda temos barreiras à inovação, já que a capacidade de inovar fica em 55º. Além disso, temos uma péssima posição no ranking em eficiência do governo, sendo um dos piores países em burocracia, suborno, corrupção e finanças públicas. Como mostra a Figura 4:

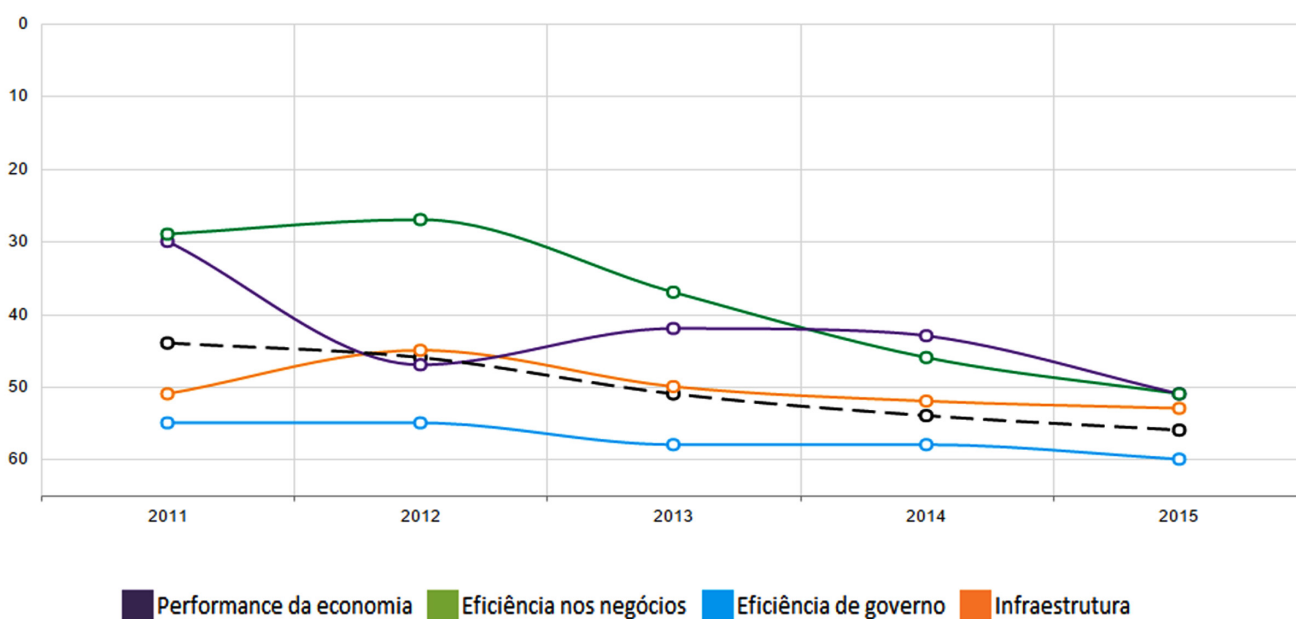


Figura 4: Brasil piora em todos os pilares apresentados pelo IMD. [Eixo y - posição do ranking do IMD de 61 países. Eixo x - base temporal entre 2011 e 2015]

Os investimentos em educação e infraestrutura científica da Letônia e Lituânia os impulsionam a ter um mercado de trabalho qualificado, melhores práticas em gestão e mais envolvimento com P&D e, conseqüentemente, um ambiente de inovações e maior produtividade. Seguindo o caminho contrário, conseguimos a pior posição no sistema educacional brasileiro e um dos últimos em ensino nas universidades. Além disso, somos o 57º em número de pesquisadores e cientistas e transferência de conhecimento.

O desenvolvimento da Lituânia e Estônia mostrou a eficiência do governo; investimentos em educação e infraestruturas são pagos ao longo dos anos. Segundo o IMD, a eficiência nos negócios também é um bom indicador de desenvolvimento, contando com fatores como produtividade, força de trabalho, empreendedorismo e gerenciamento de negócios que impulsionam a economia nacional.

Mesmo com diversidade econômica, falta ao Brasil um “empurrão” nos negócios, infraestrutura e credibilidade e eficiência de governo para que possamos melhorar na produtividade, mercado de trabalho, educação, investimentos em novas tecnologias e inovação para que o país realmente seja competitivo economicamente.

O Brasil também possui pontos críticos por ser uma economia fechada. As barreiras tarifárias no país ficaram em 61º lugar, indicando bloqueios ao comércio internacional. Quanto às autoridades aduaneiras, fator que mede a transição eficiente de bens, ficamos em 59º. Os países bálticos são conhecidos pela sua grande abertura da economia que beneficia o mercado interno e a competitividade entre empresas, promovendo produtos cada vez melhores e mais inovadores capazes de competir com bens internacionais, o que os fortalece tanto interno quanto externamente. A pesada barreira tarifária brasileira junto com os subsídios concedidos

pelo governo a inúmeras empresas (ficamos em terceiro em subsídios) afetam negativamente a competição natural do sistema capitalista e fazem com que nossas empresas não estejam aptas a concorrer no mercado externo. Assim, nosso portfólio de exportações se baseia mais em produtos primários do que em tecnologias e manufaturados, nos colocando mais para o lado dos subdesenvolvidos do que na rota do desenvolvimento.

## SOBRE A METODOLOGIA

O Relatório Internacional de Competitividade do IMD se baseia em quatro pilares: “*Performance* da Economia”, “Eficiência do Governo”, “Eficiência dos Negócios” e “Infraestrutura” e tem sido compilado desde 1989. Para cada pilar, são analisados cerca de 20 subfatores. As variáveis incluem tanto dados de indicadores macroeconômicos, cuja fonte são instituições nacionais e internacionais de estatística (como o IBGE no Brasil), quanto dados de percepção. Estes últimos são coletados através do questionário de opinião executiva, via plataforma *online*, cujo público-alvo são gestores de alto escalão das empresas de todos os portes e diversos setores da economia. Os dados de percepção refletem o julgamento geral do empresariado sobre o país em questão.

## REFERÊNCIAS:

IMD Competitiveness Yearbook 2014.

Dados IMD 2015.

World Economic Forum 2014 - Gender gap equality ranking.

Theguardian.com - ‘We want a voice’: women fight for their rights in the former USSR.

Exame.com - ‘os tigres bálticos perderam os dentes’, 2009.

VoxEurop - Letônia - De tigre Báltico a doente da Europa.

Revista Pangea - satélite soviético a tigres da Europa  
livro: History of the Baltic states - Kevin O’Connor - capítulo ‘Women and Feminism’ a partir da pag. 185.

Lithuanian economic review 2014 - Lietuvos bankas (banco central) - [https://www.lb.lt/lithuanian\\_economic\\_review\\_december\\_2014](https://www.lb.lt/lithuanian_economic_review_december_2014).

Country report Latvia 2015 - European Commission - [http://ec.europa.eu/europe2020/pdf/csr2015/cr2015\\_latvia\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/europe2020/pdf/csr2015/cr2015_latvia_en.pdf).